

Padrões de consumo de medicamentos — resultados preliminares*

(Comunicação apresentada à Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência)

HÉSIO DE A. CORDEIRO**

A análise dos padrões de consumo de medicamentos entre quatro grupos sociais diferentes — gerentes, operários qualificados, mulheres operárias e operários de construção civil — evidenciou que o consumo não guarda necessariamente relação com condições de saúde objetivamente determinadas, nem está ligado diretamente à condição econômica de cada grupo.

O medicamento é consumido a partir da percepção de necessidades definidas pela relação do indivíduo com seu próprio corpo, em termos de um “limiar de percepção” que configura o estado de doença. Esta relação está determinada pelo uso que o indivíduo faz de seu corpo nas condições concretas de existência e, particularmente, com o uso do corpo no processo de trabalho. Boltansky¹ construiu o conceito de “uso social do corpo” para dar conta desta relação.

Para os diversos grupos sociais há um *ethos* de classe referente ao uso do corpo: um maior cuidado, um esquadrinhamento, uma atenção maior às sensações do corpo, por exemplo, corresponderiam ao *ethos* das camadas sociais mais altas e, portanto, a maior percepção de sintomas, cuidados estéticos, maior valorização dos cuidados preventivos.

* Trabalho do Instituto de Medicina Social da UERJ, financiado pela OPS/OMS.

** Auxiliar de Ensino da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

¹ Boltansky, L. *La découverte de la maladie*. Paris, Centre de Sociologie Européenne, 1972.

Outro conceito que intervém na explicação dos padrões de consumo médico é o de “distância social do saber médico”. Aqueles grupos sociais mais elevados manteriam uma proximidade maior com o saber médico. O discurso médico é traduzido num universo conceitual “científico” que permite compreensão e contextualização mais precisas. Ao contrário, camadas sociais menos privilegiadas, reinterpretam o discurso médico em outro universo conceitual e o incorporam de forma fragmentária e parcial. A relação médico-paciente se faz num contexto de dominação, onde, por exemplo, a prescrição médica das regras de higiene é transmitida como ordens, como algo que o paciente deve cumprir ainda que não entenda seu significado.

No estudo realizado, evidenciou-se que o consumo de medicamentos era mais alto no grupo de gerentes (1,5 remédio por pessoa), vindo a seguir mulheres operárias (1,2), operários qualificados (0,8) e operários de construção civil (0,4).

A interpretação destes dados atribui à mulher (mesmo operária) e ao homem de classe social mais alta cuidados com o corpo que o operário não tem. Apesar de receber salários semelhantes aos operários de construção, a mulher operária consome quase tanto quanto os gerentes.

Quanto à definição da doença, o grupo de gerentes a concebe como um processo gradativo, com formas e graus diferentes traduzidos por sintomas que refletem as condições de funcionamento do organismo. Já entre os grupos operários, saúde e doença são dois extremos ou estados absolutos. Estar com saúde é “poder trabalhar”, doença é ter algo que impossibilita o trabalho. Não há gradações; o indivíduo “cai doente” e para se curar, deve receber “tratamentos fortes”, daí a preferência por injeções, por exemplo.

Dentre os medicamentos mais consumidos entre os diversos grupos encontrou-se:

a) *Nos gerentes:*

- medicamentos para o aparelho respiratório (xaropes expectorantes e antitussígenos);
- analgésicos;
- antidiarréicos e antiácidos;
- multivitamínicos;
- tranqüilizantes, hipnóticos e sedativos.

b) *Nos operários qualificados:*

- analgésicos;
- medicamentos para aparelho respiratório;
- multivitamínicos;
- antidiarréicos e antiácidos;
- antibióticos.

c) *Nas mulheres operárias:*

- analgésicos;
- hormônios (anticonceptivos);
- medicamentos para aparelho respiratório;

Tabela 1

Número de medicamentos segundo tempo de consumo em quatro grupos sociais

Qualificação Tempo (meses)	Gerentes		Operários qualificados		Operárias		Operários de construção	
	Nº	(%)	Nº	(%)	Nº	(%)	Nº	(%)
Menos 1 mês	39	(50,6)	29	(72,5)	30	(58,6)	20	(86,9)
1-6 meses	6	(7,7)	1	(2,5)	5	(9,8)	3	(13)
Mais 6 meses	32	(41,54)	10	(25)	16	(31,3)	—	—
Total	77	(100)	40	(100)	51	(100)	23	(100)

Tabela 2

Fonte de prescrição de medicamentos em quatro grupos sociais

Fonte	Gerentes		Operários qualificados		Operárias		Operários de construção	
	Nº	(%)	Nº	(%)	Nº	(%)	Nº	(%)
Médico	33	(42,8)	7	(17,5)	20	(39,2)	8	(34,78)
Enfermeira — farmacêutico	7	(9,09)	5	(12,5)	6	(11,7)	1	(4,34)
Parente — amigo	5	(6,49)	15	(37,5)	11	(21,5)	9	(39,1)
Autoprescrição	32	(41,5)	13	(32,5)	14	(27,4)	5	(21,7)
Total	77	(100,0)	40	(100,0)	51	(100,0)	23	(100,0)

- medicamentos para aparelho circulatório e aparelho renal;
- anti-diarréicos e antiácidos.

d) *Nos operários da construção civil:*

- multivitamínicos;
- analgésicos;
- medicamentos para aparelho respiratório;
- antibióticos;
- tranqüilizantes, hipnóticos e sedativos.

Verificou-se o tempo de consumo dos diversos medicamentos, encontrando-se uma alta proporção de medicamentos (42%) entre os gerentes, sendo consumido há mais de 6 meses (tabela 1).

Dentre os medicamentos mais consumidos há seis meses e mais estão os analgésicos e tranqüilizantes.

Como a prática da medicina em nossa sociedade está centrada na prescrição de medicamentos, o consumo de remédios está associado às formas de acesso e de contato com os serviços de saúde.

Analisando-se as fontes de prescrição dos medicamentos consumidos nos grupos estudados, verificou-se que entre os gerentes as fontes são: o médico e a autoprescrição, enquanto nos operários estava em primeiro lugar a indicação por parentes ou amigos, seguida da autoprescrição (tabela 2).

Como havia sido formulado nas hipóteses de trabalho, a maior proximidade do saber médico gozada pelo grupo de gerentes reflete-se no número maior de contatos com o médico, quer para exames preventivos, quer para consulta, vindo em seguida as mulheres operárias, operários qualificados e de construção.

É digno de nota que os operários qualificados são funcionários da mesma empresa de onde se obteve a amostra de gerentes e ambos os grupos dispõem de assistência médica gratuita.

O estudo concluiu, neste relato preliminar, por confirmar as hipóteses de existência de um consumo diferencial de medicamentos, onde além das condições econômicas para sua aquisição intervêm outras variáveis referentes ao uso social do corpo e às relações que as classes sociais mantêm com o saber e prática médicos.

Bibliografia

- Balint, M. et alii. *Treatment or diagnosis*. London, Tavistock, 1970.
- Boltansky, L. *La découverte de la maladie*. Paris, Centre de Sociologie Européenne, 1972.
- Dunneil, K. & Cartwright, A. *Medicine takers, prescribers and hoarders*. London, Routledge and Kegan Paul, 1972.
- Dupuy, J. P. & Karsenty, S. *L'invasion pharmaceutique*. Paris, Seuil, 1974.
- Levinson, C. *Les trusts du médicaments*. Paris, Seuil, 1974.
- Brasil, Ceme. *Plano Diretor de Medicamentos, 1.ª fase: 1973-8. Análise diagnóstica*. v. 2. Brasília, 1973.

MANUAL DE ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO

Machline, Sá Motta, Weil e Schoeps

Os autores são todos da Escola de Administração de Empresas de São Paulo, exemplar em seu gênero em toda a América do Sul, o que bastaria para recomendar a obra. Mas, além de pertencerem a esse importante centro cultural, são todos bastante conhecidos entre os profissionais e estudiosos da administração como elementos compromissados em tornar científica essa atividade no Brasil. E isso transpira na obra. Sua orientação científica, o tratamento prospectivo dos temas, a preocupação com a atualização do quadro administrativo brasileiro e — sobretudo — a pertinente adequação dos temas à nossa realidade tornam o livro imprescindível a todo administrador industrial e, como adverte o Professor Claude Machline na introdução, servirá como "livro de referência aos alunos dos cursos de Administração de Empresas e aos dos cursos de Engenharia e Economia".

Da responsabilidade do Professor Machline são os trabalhos relativos à organização industrial e análise econômica dos investimentos. Planejamento industrial, transporte interno de materiais, estudo dos tempos e movimentos, segurança e higiene industrial são temas desenvolvidos pelo Prof. Wolfgang Schoeps. Kurt. E Weil é autor dos capítulos referentes à administração das compras, localização da indústria, prédios industriais e arranjo físico. Finalmente cabe ao Prof. Ivan de Sá Motta os estudos sobre planejamento e controle da produção e sistemas.

Cumpra acrescentar que os quatro autores são engenheiros e têm uma larga experiência prática nos setores sobre os quais discorrem teoricamente. E por falar em teoria e prática, são raras as obras que conseguem conciliar de maneira tão harmônica quanto o **Manual de Administração da Produção**, essas duas categorias freqüentemente refratárias. O livro contentará o teórico que terá à sua frente um mural minucioso e rico relativo ao assunto estudado e, também, será de extrema utilidade para gerentes, chefes de seção, engenheiros, técnicos, enfim, àqueles que necessitam de uma obra de consulta para o esclarecimento de problemas específicos, pois os capítulos, sem prejuízo do fluxo geral da matéria, podem ser lidos isoladamente. Livro de consulta sem ligeiras teóricas, o **Manual de Administração da Produção** estende-se em um segundo volume já editado pela Fundação Getúlio Vargas.

Pedidos à **Editora da Fundação Getúlio Vargas**, Praia de Botafogo, 188 —
CP 9.052 — ZC-02 Rio de Janeiro — RJ